

RADAR

Conlutas: sim ou não?



Fotos: ADRIANA GARCIA

Vincular-se ou não à Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas), eis um dos dilemas do Movimento Docente que deverão ser solucionados no 26º Congresso do ANDES (ver matéria na pág. 07), e que teve destaque no dia 29 de janeiro no debate promovido pela SEDUFSM, em seu auditório. A defesa da filiação da entidade à Conlutas foi feita por José Vitório Zago, 1º tesoureiro do ANDES e professor aposentado da UNICAMP. A proposta contrária, de não filiação, foi defendida por Eduardo Rolim de Oliveira, presidente da ADUFRGS, Diretor de Relações Institucionais do Proifes (Fórum de Professores das Instituições Federais de

Ensino Superior) e professor do departamento de Química Orgânica da UFRGS.

A idéia inicial levantada por Zago, é a de que o capital é quem organiza a classe trabalhadora e de que a luta deve ser para superar a sociedade regida pelo capital. Baseado nesse fundamento, o professor fez um breve histórico da luta dos trabalhadores, passando pela Era Vargas, pelas greves do ABC Paulista até chegar ao governo Lula, retomando o papel da Central Única dos Trabalhadores (CUT) nesses períodos, desde sua fundação.

Um dos argumentos na defesa da Conlutas é o de que a Coordenação reúne

trabalhadores de diferentes áreas, inclusive, os desempregados. “Metade da classe trabalhadora está sem emprego e qualquer tentativa de reorganizar essa classe deve englobar os diversos setores da sociedade”, destacou. Nesse contexto, Zago retomou o papel da CUT que, segundo ele, abandonou os ideais com os quais foi fundada. “Com o governo Lula, o distanciamento da CUT dos trabalhadores se acentuou, culminando com a nomeação de Luiz Marinho (ex-presidente da CUT), como Ministro do Trabalho”.

Para Zago, a filiação do ANDES à Conlutas se dá na conjuntura de um

segundo mandato do governo Lula que é de ataques à classe trabalhadora e ao funcionalismo público com o Programa para Aceleração do Crescimento (PAC). Nessa perspectiva, ele diz que é preciso “combater junto com os demais trabalhadores as reformas neoliberais”.

O sindicalista lembrou ainda que nos Cadernos de Textos do Congresso do ANDES, a tese da diretoria recomenda a filiação, que foi definida com ampla maioria. Mas, por enquanto, fica a expectativa: “será um debate acalorado que a gente espera que termine com a filiação à Conlutas”, declarou.

Decisão açodada



Eduardo Oliveira: decisão tomada pela cúpula

Na argumentação contrária ao processo de filiação do ANDES à Conlutas, o professor Eduardo de Oliveira (UFRGS) rebateu algumas falas de Zago, dizendo que toda a trajetória do movimento sindical brasileiro retratada pelo painalista não era completa, já que não teriam sido feitas as contextualizações necessárias. Para Oliveira, por exemplo, a decisão de desfiliação da CUT foi feita pela cúpula do ANDES em 2004 e pouco tem a ver com a questão conjuntural. “A desfiliação foi baseada na idéia de que a vitória da classe trabalhadora deve se dar pela luta revolucionária e não pela luta democrática. (...) É dentro desse contexto que se cria a Conlutas”, ressaltou. Durante as intervenções do público essa afirmação foi questionada pelo professor João Batista Dias de Paiva, do departamento de Hidráulica e Saneamento da UFSM, que argumentou que “a desfiliação da CUT não foi açodada, mas a filiação à Conlutas

está sendo”.

Nessa perspectiva, Eduardo de Oliveira disse que a decisão de filiação à Conlutas já está tomada e que foi feita pela cúpula do sindicato nacional. “A nossa discussão aqui é quase inócua, uma vez que a decisão já está tomada”, desabafou. Mas, para Zago, a decisão só será conhecida no Congresso do ANDES. “Basta ter maioria no Congresso para aprovar o que se deseja. O que não pode é a minoria impor a sua vontade. Isso sim é anti-democrático”, contestou.

Oliveira também esclareceu que não acredita na unificação de forças propostas pela Conlutas. “Tenho muitas críticas à CUT, mas ela ainda reúne a maioria dos sindicatos. A unificação dos trabalhadores só pode se dar se trouxermos os demais sindicatos de peso que estão na CUT”.

O docente ainda concentrou sua exposição no que classifica de partidização do ANDES. Conforme ele, o sindicato deve representar uma categoria e não uma classe independente de partidos políticos. “O ANDES nasceu na luta contra a ditadura na década de 70 e foi muito importante para os professores e para o crescimento das universidades. Mas, com o tempo, houve uma confusão entre sindicato e partido. O ANDES se afastou do seu papel sindical e perdeu sua característica negociadora e enorme representatividade na sociedade”, destacou Oliveira.



Zago: são os delegados no Congresso que decidirão

Opiniões

Dentro das intervenções do público, o tema da influência dos partidos políticos também foi levantado. O professor João Batista Paiva observou que a partidização no movimento sindical não traz boas recordações: “Nossa experiência no movimento sindical mostra que quando houve partidização, vivemos nossos piores momentos. Esse não é o momento de nos partidarmos novamente”, enfatizou. Em resposta, o professor Zago disse que o discurso da partidização é fácil, mas que “dos 83 membros que compõem a diretoria do ANDES, apenas dois são filiados ao PSTU”, partido base da Conlutas. Zago ressaltou que o que estava em discussão não era o ANDES e sim a relação da Conlutas com a entidade.

Um momento que causou repercussão mais acalorada no debate foi quando o diretor do ANDES disse que a sociedade passou 20 anos esperando pelo momento de colocar no poder o candidato da classe trabalhadora e que ele governou para a burguesia e desabafou: “o voto nos dá o que temos hoje”, ressaltando ainda a eleição de Paulo Maluf para a Câmara dos Deputados. A professora aposentada da UFRGS, Maria Luiza Holleben, questionou então, qual seria a sugestão de Zago para a eleição de dirigentes: “É o golpe? É o totalitarismo? Um defensor da Conlutas é contra o voto”, advertiu. Em sua defesa, Zago declarou que não é contra o voto. “O problema do voto em uma democracia burguesa são casos como o de Maluf. Dentro da regra do jogo ele foi legitimamente eleito”.

Retomando o debate sobre a filiação, o professor Orlando Fonseca, do departamento de Letras Vernáculas da UFSM, lembrou que a dificuldade de mobilização é natural e indagou aos palestrantes se a filiação fortaleceria à Conlutas ou o ANDES e qual o risco de fragmentação interna do movimento docente caso haja a filiação. Em sua fala, Zago disse acreditar que a filiação à Conlutas não irá dividir e que fortalece ambas as entidades.

Para o professor Francisco de Freitas, do departamento de Metodologia do Ensino da UFSM, a filiação à Conlutas não deveria ser o tema central da discussão na tentativa de mobilizar o movimento docente. “A universidade está sendo sucateada. Me parece que se filiar ou não à Conlutas não vai resolver o nosso problema. Deve haver uma reorganização dos sindicatos”. Eduardo de Oliveira ratificou o pensamento de Freitas e destacou que “o movimento docente está se afastando cada vez mais do interesse dos professores”.

O debate, que aconteceu no auditório da SEDUFSM, teve a mediação do presidente da seção sindical, Dorge Konrad, e a presença de 35 pessoas, entre elas, diretores de outros sindicatos docentes do Estado, como ADUFRGS e APROFURG.